



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
Instituto Universidade Virtual – IUVI
Sistemas e Mídias Digitais – SMD

BRUNO DOS SANTOS VITALINO

CRIAÇÃO DE UM SISTEMA DE IDENTIDADE VISUAL
PARA O FESTIVAL BLACK ERA FORTAL

FORTALEZA
2025

BRUNO DOS SANTOS VITALINO

CRIAÇÃO DE UM SISTEMA DE IDENTIDADE VISUAL
PARA O FESTIVAL BLACK ERA FORTAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Sistemas e
Mídias Digitais, da Universidade Federal
do Ceará (UFC), como requisito parcial
para a obtenção do grau de Bacharel em
Sistemas e Mídias Digitais.

Orientador: Prof. Me. Matheus Rodrigo
Serafim Rodrigues

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D762c Vitalino, Bruno dos Santos.

Criação de um sistema de identidade visual para o festival Black Era Fortal / Bruno dos Santos Vitalino. – 2025.

82f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto UFC Virtual, Curso de Sistemas e Mídias Digitais, Fortaleza, 2025.

Orientação: Prof. Me. Matheus Rodrigo Serafim Rodrigues.

1. Identidade visual. 2. Cultura negra. 3. Antidesign. 4. Design Cultural. I. Título.

CDD 302.23

BRUNO DOS SANTOS VITALINO

CRIAÇÃO DE UM SISTEMA DE IDENTIDADE VISUAL
PARA O FESTIVAL BLACK ERA FORTAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Sistemas e
Mídias Digitais, da Universidade Federal
do Ceará (UFC), como requisito parcial
para a obtenção do grau de Bacharel em
Sistemas e Mídias Digitais.

Aprovado em: 08/08/2025

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) Me. Matheus Rodrigo Serafim Rodrigues (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor(a) Dra. Inga Freire Saboia
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor(a) Dr. Carlos Eduardo Brito Novais
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A todos aqueles que
lutaram por mim.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que lutou como nenhuma outra para que eu chegasse até aqui. Que me apoiou quando ninguém estava lá e que deu tudo de si para fazer de mim o homem que sou. Meu amor pela senhora é eterno e imensurável. Levo comigo, em cada passo desta jornada, o orgulho de ser seu filho e a força que você sempre me deu.

À minha segunda mãe, Fátima, e ao meu segundo pai, Edmilson, a quem busco honrar a memória em tudo que faço. Vocês deram tudo de si para que eu chegasse até aqui, mas se foram antes de ver os frutos do próprio esforço. Vocês fizeram de mim o que sou, e por isso não sou capaz de expressar minha gratidão em palavras.

Aos meus também pais de criação, Dayse e Odilon, que me acolheram como filho no momento de maior dificuldade e me criaram com tanto amor e carinho. Por me darem apoio, conselhos, um lar e até um time para torcer. Às minhas irmãs de criação, Letícia e Melissa, pelos brigadeiros, pelas brincadeiras, pelos apelidos e por tantos momentos especiais. Vocês fazem muita falta.

À minha irmã, Maubia, e ao meu cunhado, Luís, que me mostraram a importância da leitura e o valor dos estudos. Vocês me inspiram e ajudaram a construir os alicerces do meu senso crítico. Levarei comigo, para sempre, a influência que tiveram na pessoa que me tornei.

Ao professor Matheus Serafim, pela excelente orientação neste trabalho, pelo apoio às ideias mirabolantes e pelas falas que tanto me tranquilizaram ao longo deste processo. Sua forma de ver o design e o mundo me inspira e me engrandece.

À Madu, por ser minha dupla inseparável e pelo apoio incondicional. Por ser minha maior referência em tudo que faz e se propõe a fazer. Você me abraçou quando eu mais precisava e me acalmou nos piores momentos. Ter você como companheira me deu forças para chegar até aqui. Ao nosso filho de quatro patas, Ciano, pelos cochilos ao meu lado e pelos pãezinhos amassados.

Aos meus queridos amigos, em especial Roldão Neto, João Lira e Ana Vitória, por todas as risadas, ensinamentos, conselhos e momentos inesquecíveis que vivemos juntos. Vocês me mostraram o que há de mais bonito em uma amizade e, por isso, serei eternamente grato.

A música negra é como uma grande árvore, com vários galhos e tal: o rap é um, o reggae é outro, o samba também. Agora vamos mostrar mais um deles então [...].

(RACIONAIS MC'S, 1997.)

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo desenvolver um sistema de identidade visual para o Festival Black Era Fortal que comunicasse efetivamente os valores culturais do evento e buscasse garantir reconhecimento e diferenciação no cenário cultural cearense. A pesquisa justifica-se pela necessidade de representar autenticamente a cultura negra contemporânea, rompendo com estereótipos historicamente associados à identidade negra no Ceará, atendendo à demanda de festivais culturais por soluções visuais que dialoguem com públicos específicos. A metodologia baseou-se em Peón (2001), estruturada em três etapas: problematização, concepção e especificação, enriquecida com princípios do antidesign de Branzi (1984) e Margolin (2002). O processo incluiu entrevista com o organizador, análise de similares e experimentação tipográfica através de quatro fases de desenvolvimento. Como resultado, foi desenvolvido um sistema completo integrando logotipo dinâmico, paleta cromática inspirada no pan-africanismo e cultura reggae, sistema tipográfico hierarquizado e elementos gráficos derivados de manifestações urbanas. O sistema demonstra a viabilidade de aplicar o antidesign em projetos culturais, equilibrando experimentação formal com eficácia comunicativa, oferecendo ferramentas visuais que amplificam vozes historicamente silenciadas e celebram a cultura negra cearense contemporânea.

Palavras-chave: identidade visual; cultura negra; antidesign; design cultural.

ABSTRACT

This work aimed to develop a visual identity system for the Black Era Fortal Festival that would effectively communicate the event's cultural values and seek to ensure recognition and differentiation within Ceará's cultural scene. The research is justified by the need to authentically represent contemporary Black culture, breaking away from stereotypes historically associated with Black identity in Ceará, and meeting the demand of cultural festivals for visual solutions that engage with specific audiences. The methodology was based on Peón (2001), structured in three stages: problematization, conception, and specification, enriched with antidesign principles from Branzi (1984) and Margolin (2002). The process included an interview with the organizer, analysis of similar cases, and typographic experimentation through four development phases. As a result, a complete system was developed integrating a dynamic logo, a chromatic palette inspired by pan-Africanism and reggae culture, a hierarchical typographic system, and graphic elements derived from urban manifestations. The system demonstrates the viability of applying antidesign to cultural projects, balancing formal experimentation with communicative effectiveness, offering visual tools that amplify historically silenced voices and celebrate contemporary Black culture in Ceará.

Keywords: visual identity; Black culture; antidesign; cultural design.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Publicação de início da segunda edição do festival.....	14
Figura 2 – Aplicações de identidade visual do Spotify.....	20
Figura 3 – Símbolo da Nike.....	21
Figura 4 – Logotipo da IBM.....	22
Figura 5 – Núcleo principal da paleta de cores da IBM.....	23
Figura 6 – Família tipografia da Samsung.....	24
Figura 7 – Logotipo Warp Records de 1989.....	26
Figura 8 - Fluxo de desenvolvimento.....	31
Figura 9 – Anúncio da identidade visual do Festival Mada 2025.....	37
Figura 10 – Atrações do Afropunk Brasil - Salvador 2025.....	38
Figura 11 – Atrações do Festival Zepelim 2024.....	39
Figura 12 – Moodboards de festivais.....	42
Figura 13 – Moodboards de capas de disco.....	42
Figura 14 – Testes tipográficos.....	45
Figura 15 – Experimentações com modificações tipográficas.....	46
Figura 16 – Explorações conceituais com referências à cultura urbana.....	47
Figura 17 – Variantes do logotipo.....	48
Figura 18 – Logotipo principal.....	50
Figura 19 – Paleta cromática.....	51
Figura 20 – Sistema tipográfico complementar.....	52
Figura 21 – Elementos gráficos auxiliares.....	53
Figura 22 – Proposta de cartaz para divulgação do Festival Black Era Fortal.....	56
Figura 23 – Reformulação do feed do Instagram com a nova identidade visual.....	56
Figura 24 – Aplicação da identidade visual em camisetas.....	57
Figura 26 – Aplicação da identidade visual em cartaz de atrações do festival.....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Matriz Comparativa.....	41
------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Objetivos.....	16
1.1.1 Objetivo Geral.....	16
1.1.2 Objetivos Específicos.....	16
1.2 Estrutura do trabalho.....	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1 Design Gráfico.....	17
2.2 Sistema de Identidade Visual.....	18
2.2.1 Identidade visual.....	19
2.2.2 Símbolo.....	20
2.2.3 Logotipo.....	21
2.2.4 Cores.....	22
2.2.5 Famílias tipográficas.....	23
2.3 Antidesign.....	24
2.4 Contextualização da cultura negra.....	26
3 METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO.....	30
4 PROBLEMATIZAÇÃO.....	33
4.1 Caracterização do Festival e Contexto Cultural.....	33
4.2 Estudo de Similares.....	36
4.2.1 Festival Mada (Natal-RN): Tradição e Nostalgia.....	36
4.2.2 Afropunk Brasil: Movimento e Resistência.....	37
4.2.3 Festival Zepelim (Fortaleza-CE): Arte e Experiência.....	38
4.2.4 Análise Comparativa dos Sistemas de Identidade.....	39
4.2.5 Matriz Comparativa.....	40
4.3 Conceitos e Direcionamentos.....	43
5 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO.....	44
5.1 Processo de Experimentação.....	44
5.1.1 Primeira Fase: Exploração Tipográfica Inicial.....	44

5.1.2 Segunda Fase: Experimentação com Abordagens Alternativas.....	45
5.1.3 Terceira Fase: Exploração Conceitual e Referências Urbanas.....	46
5.1.4 Quarta Fase: Solução Final e Síntese.....	48
5.2 Sistema Final Desenvolvido.....	49
5.2.1 Logotipo Principal.....	49
5.2.2 Paleta Cromática.....	50
5.2.3 Sistema Tipográfico Complementar.....	52
5.2.4 Elementos Gráficos Auxiliares.....	53
6 RESULTADOS.....	55
6.1 Sistema de Identidade Visual Integrado.....	55
6.2 Contribuições e impactos.....	58
6.2.1 Objetivos Específicos Alcançados.....	59
6.2.2 Expectativas de impacto.....	59
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICE A - PERGUNTAS PARA ENTREVISTA COM FLAVIO FONSECA.....	65
APÊNDICE B - MANUAL DE IDENTIDADE DA MARCA.....	67

1 INTRODUÇÃO

A consolidação das redes sociais como espaços centrais de interação e consumo cultural no cenário pós-pandêmico representa uma transformação fundamental nas dinâmicas comunicacionais contemporâneas. Segundo dados do DataReportal (2024), 5,04 bilhões de pessoas utilizam as redes sociais globalmente, representando 62,3% da população mundial, com crescimento de 5,6% em relação ao ano anterior.

Esta expansão demanda estratégias de comunicação visual que transcendam questões meramente estéticas, assumindo papel crítico na construção de identidades capazes de dialogar com valores socioculturais específicos. Wheeler (2013) define a identidade visual como elemento tangível que permite comunicação direta com os sentidos, funcionando como ferramenta fundamental para expressão e síntese dos valores de uma marca.

No contexto dos festivais culturais brasileiros, a identidade visual assume importância estratégica para diferenciação e reconhecimento no mercado. Para eventos dedicados à valorização de culturas historicamente marginalizadas, como a cultura negra, esta necessidade torna-se ainda mais crítica, exigindo soluções visuais que representem autenticamente as comunidades envolvidas.

O Festival Black Era Fortal emerge neste cenário como iniciativa cultural que busca valorizar a música preta através da criação de espaços destinados à atuação de artistas independentes, promovendo formação, discussão e debate acerca da cultura negra. Criado em 2022 pelos produtores culturais Flávio Fonseca e Caio Batista, o festival realizou sua primeira edição em 5 de março de 2022, reunindo artistas como Matheus Fazeno Rock, Mumutante e DJ Viúva Negra, entre outros. Em sua segunda edição (Figura 1), o evento conquistou apoio governamental através do programa Ceará das Artes, expandindo suas atividades para incluir quatro apresentações musicais principais, além de ações formativas e oficinas. Conforme informações obtidas em entrevista pessoal com Flávio Fonseca, organizador e idealizador do evento, a proposta busca criar uma identidade que rompa com estereótipos historicamente associados à identidade negra no Ceará, tendo como diferencial o foco em música autoral e a forte colaboração entre artistas.

Figura 1 – Publicação de início da segunda edição do festival



Fonte: [instagram.com/festivalblackerafortal](https://www.instagram.com/festivalblackerafortal) (2025).

Além disso, a perspectiva de expansão contínua do festival, evidenciada pela realização de edições menores ao longo do ano, ações formativas e parcerias estratégicas com artistas de âmbito nacional, ressalta a importância de desenvolver um sistema de identidade visual consistente que responda às necessidades presentes e futuras do evento.

A relevância deste projeto encontra respaldo na perspectiva de Papanek (2008), que defende o papel do design como agente de transformação social. O autor argumenta que a prática do design deve transcender o mero apelo visual, incorporando compromisso ético e social que valorize a profundidade simbólica e a representatividade das identidades marginalizadas. Neste contexto, o

desenvolvimento de um sistema de identidade visual para o Festival Black Era Fortal representa uma oportunidade de aplicar princípios do design socialmente responsável, contribuindo para a valorização da cultura negra cearense através de linguagens visuais autênticas e culturalmente relevantes.

O Festival Black Era Fortal, apesar de sua relevância cultural e proposta inovadora de valorização da música e cultura negra em Fortaleza, não possui um sistema de identidade visual definido e estruturado. Esta ausência compromete significativamente o reconhecimento do evento, dificultando sua diferenciação no mercado cultural local e limitando sua capacidade de comunicar efetivamente seus valores e objetivos junto ao público-alvo.

A falta de elementos visuais padronizados — como logotipo, paleta de cores, tipografia e diretrizes de aplicação — resulta em comunicações fragmentadas que não refletem adequadamente a coerência e profundidade da proposta cultural do festival. Como enfatiza Wheeler (2013), a identidade visual constitui um sistema tangível capaz de unificar elementos díspares em linguagem integrada e reconhecível.

Sem um sistema de identidade visual consistente, o festival enfrenta dificuldades práticas em suas comunicações, desde materiais promocionais até presença digital, impedindo a construção de uma presença visual memorável e impactante. Esta situação é particularmente problemática considerando a necessidade de representar autenticamente a herança histórica e política da negritude, dialogando com as especificidades culturais locais e os valores do festival.

Diante disso, formulamos a seguinte pergunta de pesquisa: Como desenvolver um sistema de identidade visual para o Festival Black Era Fortal que comunique efetivamente os valores culturais do evento e garanta reconhecimento e diferenciação no cenário cultural cearense?

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Desenvolver um sistema de identidade visual para o Festival Black Era Fortal que comunique efetivamente os valores culturais do evento e busque garantir reconhecimento e diferenciação no cenário cultural cearense.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Analisar sistemas de identidade visual de festivais musicais similares para identificar elementos e estratégias visuais relevantes ao contexto cultural do projeto;
- Examinar elementos, cores e conceitos visuais já presentes na marca atual, identificando aqueles que possam compor a nova identidade;
- Desenvolver os elementos fundamentais do sistema de identidade visual — logotipo, paleta de cores, tipografia e elementos gráficos auxiliares — em consonância com os valores culturais do Festival Black Era Fortal.

1.2 Estrutura do trabalho

Este trabalho está organizado em sete capítulos. O primeiro capítulo apresenta a introdução, incluindo justificativa, problema, objetivos e estrutura do trabalho. O segundo capítulo desenvolve o referencial teórico sobre design gráfico, sistemas de identidade visual e cultura negra. O terceiro capítulo apresenta a metodologia de desenvolvimento baseada em Peón (2001). O quarto capítulo descreve o processo de problematização. O quinto capítulo apresenta o desenvolvimento do sistema de identidade visual. O sexto capítulo traz os resultados obtidos. Por fim, o sétimo capítulo traz as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento de um sistema de identidade visual demanda compreensão aprofundada dos conceitos fundamentais que estruturam a comunicação visual contemporânea. Este referencial teórico estabelece as bases conceituais necessárias para o desenvolvimento do sistema de identidade visual do Festival Black Era Fortal, abordando desde os princípios básicos do design gráfico até às especificidades dos sistemas de identidade visual e suas aplicações em contextos culturais específicos.

A fundamentação teórica aqui apresentada articula diferentes perspectivas acadêmicas sobre design gráfico, identidade visual e suas implicações socioculturais. Essa base conceitual fornece diretrizes teóricas essenciais para as decisões projetuais que guiarão o desenvolvimento do produto final. Destaca-se, neste contexto, o enfoque nas abordagens críticas do design, particularmente o antidesign, que oferece instrumentos teóricos fundamentais para projetos que se propõem a questionar padrões hegemônicos e a promover narrativas contra-hegemônicas.

2.1 Design Gráfico

O design gráfico constitui disciplina fundamental para a comunicação visual, estabelecendo as bases teóricas e práticas para o desenvolvimento de sistemas visuais eficazes. Meggs (2016) define o design gráfico como disciplina que emprega texto e imagem para transmitir mensagens, priorizando tanto a eficácia estética quanto a funcional. O autor destaca que elementos como forma, cor e tipografia devem adaptar-se às demandas socioculturais e tecnológicas de cada época, evidenciando o caráter dinâmico e contextual da prática do design.

Esta perspectiva histórica revela que o design gráfico não opera em isolamento cultural, mas responde às transformações sociais, tecnológicas e estéticas de seu tempo, exigindo do designer sensibilidade para compreender e interpretar essas mudanças em suas criações. Frutiger (2001), em seus estudos sobre tipografia e signos, complementa essa visão ao enfatizar que a comunicação visual eficaz depende da compreensão profunda dos códigos culturais e da capacidade de traduzi-los em linguagens visuais acessíveis e significativas. O autor

argumenta que a tipografia, em particular, funciona como ponte entre o conteúdo verbal e sua manifestação visual, exigindo escolhas que considerem tanto a legibilidade técnica quanto a adequação cultural e estética ao contexto de aplicação.

A abordagem de Rand (2014) enfatiza a importância da simplicidade e clareza como pilares fundamentais na prática profissional. Para Rand (2014, p. 11), "O papel do designer é comunicar de forma clara por quaisquer meios que ele possa controlar ou dominar." Esta visão converge para a objetividade e simplicidade como valores centrais, estabelecendo um diálogo produtivo com a ênfase de Meggs no contexto cultural e nas transformações históricas do design.

Para o Festival Black Era Fortal, a integração destas perspectivas teóricas sugere a necessidade de equilibrar a simplicidade defendida por Rand com a contextualização histórica enfatizada por Meggs. A herança histórica e musical da negritude exige uma comunicação visual que seja simultaneamente direta e eficaz, mas também capaz de celebrar símbolos e referências afrodescendentes, garantindo que a mensagem final una funcionalidade e representatividade cultural.

2.2 Sistema de Identidade Visual

A necessidade de uma abordagem sistemática na identidade visual é defendida por diversos autores. Enquanto Meggs (2016) e Rand (2014) discutem o design gráfico como instrumento de comunicação e simplificação, Peón (2001) aprofunda a visão sistêmica ao enfatizar regras e normas que promovem coerência e consistência:

[...]sistema de normalização para proporcionar unidade e identidade a todos os itens de apresentação de um dado objeto, através de seu aspecto visual. Este objeto pode ser um empresa, um grupo ou uma instituição, bem como uma ideia, ou produto ou um serviço (Peón, 2001, p.15).

Segundo a autora, o sistema de identidade visual (SIV) incorpora elementos como logotipo, símbolo, marca, cores e alfabeto institucional, além de aplicações específicas (materiais de papelaria, embalagens etc.). Ao adotar um conjunto padronizado de diretrizes, busca-se assegurar uma imagem sólida junto ao público.

Wheeler (2013), por sua vez, ressalta a importância de harmonizar esse conjunto de elementos ao posicionamento estratégico da marca. Em outras palavras, Peón (2001) foca na coerência formal, enquanto Wheeler (2013) destaca a

experiência de marca e o fortalecimento de identidade. Dessa forma, o objetivo principal de um SIV é gerar reconhecimento e identificação do público-alvo.

Ao empregar normas e conceitos consistentes, a marca se diferencia dos concorrentes, ganhando maior destaque. Essa visão é partilhada por Strunck (2007), que realça o impacto financeiro e institucional de uma identidade mal desenvolvida. Assim, a clareza sistêmica (Peón, 2001) e a experiência estratégica (Wheeler, 2013) convergem para reforçar a competitividade da marca.

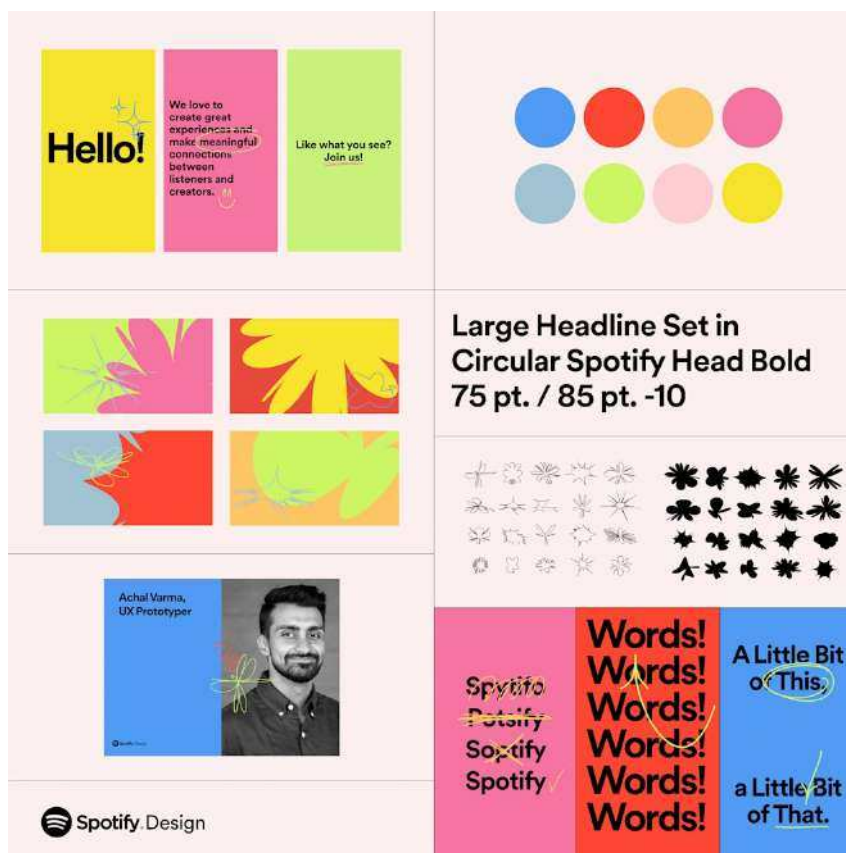
Para o Festival Black Era Fortal, o SIV deve ainda contemplar elementos estéticos que remetam à cultura afro-brasileira, reforçando laços com a comunidade local. Nesse sentido, a combinação entre a normalização (Péon, 2001) e o posicionamento cultural (Wheeler, 2013) torna-se essencial para comunicar de forma coerente a proposta do evento.

2.2.1 Identidade visual

A identidade visual consolida elementos que traduzem, em conjunto, valores e conceitos de uma organização. Wheeler (2013) argumenta que a aplicação consistente desses componentes gera reconhecimento e reforça a essência institucional, como demonstrado na Figura 2. Sob esse ângulo, a autora se aproxima de Strunck (2007), que aponta que empresas com imagens frágeis sofrem prejuízos imediatos de percepção.

Diferentemente de Wheeler, que enfatiza a perspectiva sensorial, Strunck alerta para as consequências práticas (financeiras e de imagem) de uma identidade mal conceituada. Em ambos os casos, a consistência é tratada como fator crucial para atrair público e criar vínculos significativos.

Figura 2 – Aplicações de identidade visual do Spotify



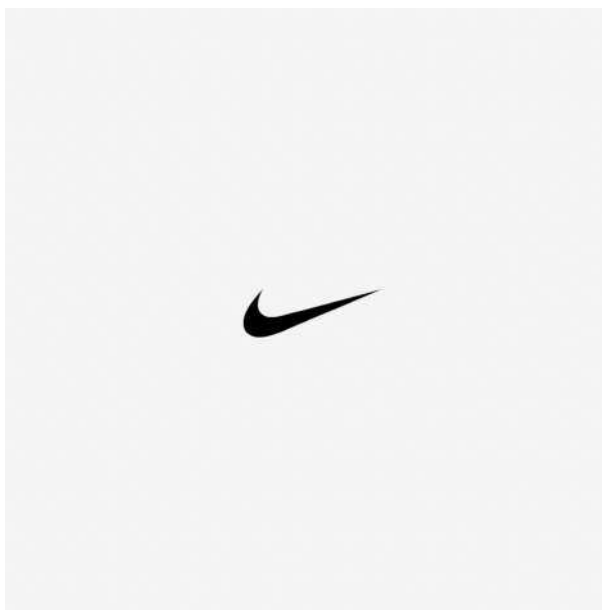
Fonte: spotify.design/article/making-the-brand-redesigning-spotify-design (2025).

No Festival Black Era Fortal, a identidade visual deve expressar a ancestralidade negra e a importância política e social desse universo cultural, reforçando um senso de pertencimento. Dessa forma, a aplicação consistente de cores, formas e tipografias alinhadas a esse contexto reforça o vínculo entre mensagem e público, ampliando a percepção de representatividade.

2.2.2 Símbolo

O símbolo é um sinal gráfico que sintetiza a marca. Para Peón (2001), ele deve ser facilmente reconhecível, sem elementos visuais em excesso. A Figura 3, por exemplo, apresenta o símbolo da Nike, amplamente reconhecido mesmo sem ligação direta com o nome.

Figura 3 – Símbolo da Nike



Fonte: Nike.com (2024).

Geertz (1973), ao complementar a dimensão antropológica, indica que símbolos — sejam gráficos ou culturais — derivam significados de um acervo de conhecimento acumulado pelos indivíduos em sua experiência de vida. Enquanto Peón (2001) prioriza a simplicidade e a síntese visual, Geertz (1973) ressalta a componente cultural do símbolo, sugerindo que o reconhecimento de uma marca vai além da estética.

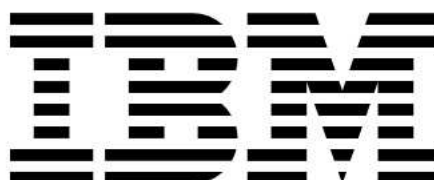
Para o Festival Black Era Fortal, o símbolo pode inspirar-se em elementos gráficos afro-brasileiros, como padrões têxteis ou signos que remetem à ancestralidade. Dessa forma, mescla-se a preocupação formal (simplicidade e reconhecimento imediato) com uma profundidade simbólica que se conecta história, música e identidade negra.

2.2.3 Logotipo

O logotipo, ou marca nominativa, compreende a representação escrita do nome de uma marca, produto ou serviço. Para Peón (2001, p. 33), “ele é necessariamente composto por letras”, podendo ou não ser acompanhado por

símbolos. Strunck (2003) reforça que todo sistema de identidade visual inclui um logotipo, mas não necessariamente um símbolo.

Figura 4 – Logotipo da IBM



Fonte: www.ibm.com/brand/experience-guides/developer/brand/logo (2025).

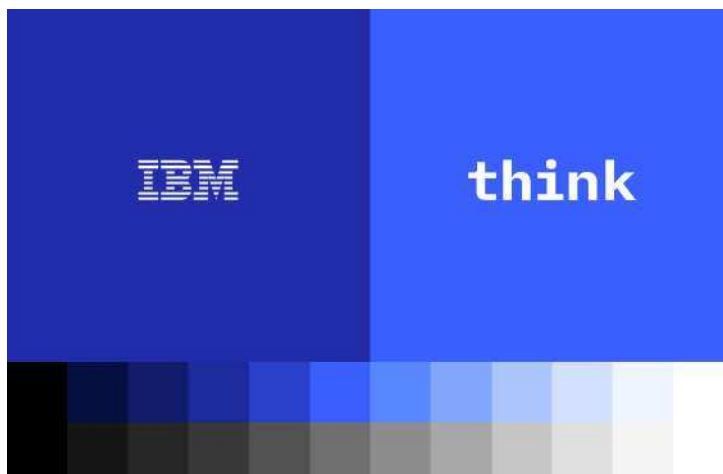
Wheeler (2013) e Peón (2001) convergem ao ressaltar a relevância do logotipo dentro do SIV, embora Wheeler sublinhe o aspecto estratégico e emocional do lettering, enquanto Peón (2001) enfatiza a padronização das aplicações. A Figura 4 mostra o logotipo IBM, que dispensa símbolos, exemplificando a força de um lettering consistente.

No Festival Black Era Fortal, o logotipo pode contemplar formas tipográficas que expressam movimento e alegria, refletindo tanto a musicalidade do evento quanto a dimensão sociopolítica da cultura negra. O cuidado estará em equilibrar legibilidade e inovação, assegurando reconhecimento em suportes diversos, de cartazes a redes sociais.

2.2.4 Cores

As cores exercem papel central no SIV, evocando emoções e agregando valor às mensagens (Peón, 2001). A Figura 5, por exemplo, exhibe a paleta de cores da IBM, ilustrando a coerência no uso de um conjunto cromático específico.

Figura 5 – Núcleo principal da paleta de cores da IBM



Fonte: ibm.com/design/language/color/ (2025).

Enquanto Peón (2001) destaca o uso padronizado das cores para consolidar identidade, Wheeler (2013) enfatiza seu potencial emocional e cultural, sugerindo que cada tom pode gerar respostas distintas de acordo com o público e o contexto. Ambas reconhecem a cor como componente fundamental na identificação imediata de uma marca.

Para o Festival Black Era Fortal, as cores devem ressaltar a ancestralidade africana e a pluralidade cultural da música negra. Combinações vibrantes e contrastantes podem remeter à alegria e à energia do evento, desde que aplicadas de forma consistente em diversos materiais.

2.2.5 Famílias tipográficas

As famílias tipográficas complementam o SIV, fornecendo variações de peso e estilo que facilitam a hierarquização das informações. Peón (2001) alerta que fontes excessivamente estilizadas podem comprometer a legibilidade e enfraquecer a coerência visual, tese corroborada por Strunck (2007), que vê na escolha tipográfica uma forma de expressar personalidade e consistência.

Figura 6 – Família tipografia da Samsung



Fonte: samsung.com/br/about-us/brand-identity/color-and-typo/ (2025).

Peón (2001) realça aspectos funcionais (legibilidade, padronização), enquanto Wheeler (2013) e Strunck (2007) destacam o potencial semântico e emocional das tipografias, pois a escolha tipográfica deve dialogar com a essência da marca, assim demonstrado pela Figura 6.

No Festival Black Era Fortal, mesclar elementos contemporâneos e referências históricas pode reforçar o caráter engajado do evento. Enquanto fontes robustas podem transmitir solidez e resistência, opções mais versáteis garantem a aplicação em textos extensos e materiais promocionais diversos.

2.3 Antidesign

O projeto de desenvolvimento de um Sistema de Identidade Visual (SIV) para o Festival Black Era Fortal incorpora, de forma essencial, os princípios do antidesign, pois envolve temas sociais, culturais e históricos relacionados à cultura negra, rompendo com estéticas convencionais e promovendo uma reflexão crítica. Branzi (1984) explica que o antidesign surgiu na Itália, na década de 1960, com o intuito de questionar preceitos tradicionais de funcionalidade e harmonia, introduzindo abordagens experimentais e provocativas.

Margolin (2002) amplia essa contestação ao associar o antidesign a críticas ao consumismo e à produção em massa, empregando materiais, formas e cores capazes de evidenciar desigualdades e padrões culturais. Nesse sentido, Papanek (2008) traz a responsabilidade social e a sustentabilidade para o foco do debate, sustentando que o design deve propor soluções inclusivas. Enquanto Margolin

(2002) enfatiza a crítica às estruturas de produção, Papanek (2008) ressalta o compromisso ético e ambiental.

Dessa forma, o antidesign vai além de rejeitar estéticas tradicionais, constituindo um movimento crítico que reavalia o papel social e cultural do design (Branzi, 1984; Papanek, 2008; Margolin, 2002). No Festival Black Era Fortal, a adoção de estratégias que dialoguem com esses princípios têm potencial para fortalecer mensagens de inclusão, diversidade e transformação social, fazendo com que a identidade visual se torne um instrumento de reflexão crítica e participação comunitária.

Em outras palavras, os recursos estéticos que se distanciam do convencional — como sobreposições, tipografias disruptivas e paletas cromáticas intensas — podem evidenciar a luta e a história da população negra, ao passo que questionam padrões hegemônicos de design. Esse caráter subversivo, aliado à coerência interna dos elementos visuais, faz com que a proposta gráfica não apenas cumpra uma função comunicativa, mas também convide o público a repensar dimensões raciais e culturais, ampliando o alcance do festival.

Branzi (1984) e Margolin (2002) descrevem o antidesign como uma prática que, em vez de se adaptar a padrões estéticos amplamente aceitos, recorre à ruptura e à ironia para interrogar normas de consumo e produção. Esse posicionamento crítico se manifesta por meio de linguagens visuais experimentais, aptas a subverter a previsibilidade dos sistemas de comunicação e a promover reflexões quanto aos valores culturais e econômicos que permeiam os objetos do design.

No âmbito das identidades visuais, o trabalho do estúdio The Designers Republic (TDR) para a Warp Records, mostrado na Figura 7, no ano de 1989, exemplifica diversos desses princípios, de acordo com a análise de Poynor (2003). Em vez de manter uma marca estável e coerente segundo o modelo corporativo, a TDR utilizou tipografias propositalmente desconstruídas, cores de alto contraste e composições irônicas, resultando em materiais promocionais que fugiam às convenções da indústria fonográfica. Conforme Poynor (2003), essa estratégia ampliava o debate acerca do papel do design na construção de discursos comerciais, pois encorajava uma postura crítica do público, rompendo com a passividade na mera identificação de marca.

Figura 7 – Logotipo Warp Records de 1989



Fonte: en.wikipedia.org/wiki/Warp_Records (2025).

Nessa perspectiva, é viável correlacionar o caso da Warp Records com a vertente social do design defendida por Papanek (2008), que propõe transcender o estrito apelo mercadológico e promover uma leitura reflexiva das estruturas que sustentam o projeto visual. Ao recorrer a recursos estéticos capazes de gerar estranhamento e de deslocar as expectativas do usuário, a TDR aproximou-se do espírito do antidesign, transformando a linguagem gráfica em um mecanismo de contestação cultural e de questionamento das lógicas de consumo. Assim, o design não se restringe à funcionalidade imediata, potencializando seu caráter crítico.

Em síntese, o arcabouço teórico discutido fundamenta a formulação de um SIV que concilie uma abordagem sistemática (Peón, 2001; Wheeler, 2013) à perspectiva de representatividade e de crítica social (Geertz, 1973; Branzi, 1984; Papanek, 2008). Espera-se, pois, que o projeto resultante apresente coesão em seus aspectos visuais e, simultaneamente, reforce a valorização da cultura negra, corroborando a dimensão transformadora e política que caracteriza o Festival Black Era Fortal.

2.4 Contextualização da cultura negra

A cultura negra, em sua complexidade, constitui um campo de estudo fundamental para a compreensão das dinâmicas sociais, históricas e identitárias, particularmente no contexto da diáspora africana. Conforme aponta Gomes (2003), a

análise desse fenômeno transcende a mera descrição de manifestações artísticas ou folclóricas, estabelecendo-se como um processo contínuo de construção de significados, resistências e identidades. No Brasil, a influência africana é um pilar na formação sociocultural e identitária do país, tornando a contextualização da cultura negra indispensável para estudos que a abordem, como demonstra Munanga (2009).

Stuart Hall (2003) oferece uma perspectiva para a compreensão da cultura negra no âmbito da diáspora africana e da formação de identidades. Segundo Hall (2003), a identidade cultural não se configura como uma essência fixa, mas como um processo contínuo de "tornar-se", moldado pelas intersecções entre história, memória e representação. No contexto diaspórico, as identidades negras são intrinsecamente híbridas, resultantes do encontro e da negociação entre as tradições culturais africanas, as experiências da escravidão e da colonização, e as realidades dos novos territórios. O autor argumenta que a diáspora transcende o movimento geográfico, representando um processo de desterritorialização e reterritorialização cultural, no qual as identidades são constantemente negociadas e reinventadas. Nesse sentido, a cultura negra manifesta-se como um espaço de contestação e afirmação, onde as narrativas de origem se entrelaçam com as experiências contemporâneas, gerando novas formas de existência e expressão. A "negritude", conforme Hall (2003), não denota uma essência homogênea, mas uma categoria política e cultural que engloba uma vasta gama de experiências e identidades.

Complementarmente à perspectiva de Hall, a obra de Kabengele Munanga (2009) aprofunda a discussão sobre a cultura negra no cenário brasileiro, abordando as particularidades da formação afro-brasileira. Munanga (2009) analisa a complexidade das identidades afro-diaspóricas no Brasil, evidenciando a articulação de elementos africanos, indígenas e europeus em sínteses culturais singulares. O pesquisador refuta a concepção de uma cultura negra brasileira como mera reprodução da cultura africana, sublinhando sua natureza dinâmica e transformadora ao longo dos séculos. Para o autor, a valorização da cultura negra brasileira exige o reconhecimento de sua contribuição para a identidade nacional, bem como a desconstrução de estereótipos e preconceitos historicamente enraizados. Em sua visão, a cultura negra atua como um motor de resistência e um repositório de saberes e práticas que desafiam as narrativas hegemônicas e promovem a diversidade e a inclusão.

As manifestações da cultura negra abrangem diversas esferas, desde a música, a dança e a culinária até a religiosidade, a literatura e as artes visuais. Gomes (2003) exemplifica a capacidade de reinvenção da cultura negra, que se adapta e se transforma sem perder suas raízes, por meio de expressões como o samba, a capoeira, o candomblé, o hip-hop e o reggae. Munanga (2009) complementa que essas manifestações culturais não se limitam ao entretenimento; elas funcionam como veículos de memória, de transmissão de valores e de construção de comunidade. A celebração da cultura negra, portanto, implica a valorização da diversidade e da resiliência humana diante das adversidades. Adicionalmente, Hall (2003) aponta que a cultura negra desempenha um papel na promoção da autoestima e do empoderamento de indivíduos e comunidades, oferecendo modelos e narrativas que confrontam o racismo e a discriminação.

Esta contextualização teórica da cultura negra é fundamental para o presente trabalho, que se propõe a desenvolver um sistema de identidade visual para um festival de música preta. A compreensão das complexas camadas de significado e das lutas históricas que permeiam a cultura negra, conforme abordado por Hall (2003) e Munanga (2009), permite conceber uma identidade visual que não apenas seja esteticamente eficaz, mas que também ressoe autenticamente com os valores, a ancestralidade e as aspirações do público-alvo do festival. A identidade visual, nesse sentido, deixa de ser um mero elemento gráfico para se tornar uma ferramenta de comunicação e afirmação cultural, capaz de traduzir visualmente a riqueza e a profundidade da experiência negra contemporânea.

Os conceitos abordados por Hall (2003), Munanga (2009) e Gomes (2003) servirão como alicerce para a análise e o desenvolvimento das propostas visuais. A perspectiva de Hall sobre a identidade cultural como um processo de "tornar-se" e a hibridização cultural da diáspora africana orientarão a busca por elementos visuais que representem a fluidez e a multiplicidade da identidade negra no contexto do festival. A ênfase de Munanga na contribuição da cultura negra brasileira para a identidade nacional e na desconstrução de estereótipos informará a criação de um sistema visual que celebre a riqueza da afro-brasilidade e desafie representações limitantes. Por fim, a compreensão de Gomes sobre a cultura negra como um campo de construção de significados e resistências subsidiará a concepção de uma identidade visual que seja um veículo de memória, valores e empoderamento para a comunidade. A aplicação desses referenciais teóricos permitirá que o design

proposto não apenas cumpra sua função comunicativa, mas também contribua para o fortalecimento da identidade e do reconhecimento da cultura negra no cenário cultural cearense.

3 METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento do sistema de identidade visual para o Festival Black Era Fortal fundamenta-se na metodologia estruturada proposta por Peón (2001), reconhecida por sua sistematização eficaz do processo de desenvolvimento de identidades visuais e amplamente utilizada no contexto acadêmico brasileiro. Esta metodologia oferece uma estrutura tripartite que permite abordar o desenvolvimento de sistemas de identidade visual de forma organizada e científica, garantindo que todas as dimensões relevantes sejam consideradas no processo criativo. Conforme argumenta a autora, "a metodologia é o conjunto e a ordenação de procedimentos para a realização de um dado objetivo" (Peón, 2001, p. 50), estabelecendo assim um arcabouço teórico sólido para o desenvolvimento do projeto que equilibra rigor científico com flexibilidade criativa necessária para atender às especificidades culturais do festival.

Esta metodologia foi adaptada às especificidades do Festival Black Era Fortal, considerando sua natureza cultural, seus valores sociais e a necessidade de representação autêntica da cultura negra contemporânea. As adaptações implementadas fundamentam-se nas reflexões de Papanek (2008) sobre a necessidade de adequar práticas projetuais a contextos sociais e culturais específicos, argumentando que o design deve transcender abordagens padronizadas para atender às particularidades de cada projeto e assumir responsabilidade social diante das comunidades envolvidas. Margolin (2002) complementa essa perspectiva ao destacar a dimensão política inerente aos processos de design, enfatizando que metodologias tradicionais frequentemente ignoram as especificidades culturais e sociais, sendo necessário questionar e adaptar essas abordagens quando aplicadas a contextos que envolvem questões de identidade cultural e representação social.

A metodologia de Peón (2001) organiza o processo de desenvolvimento de sistemas de identidade visual em três etapas fundamentais: problematização, concepção e especificação. Esta estruturação sistemática permite abordar o projeto de forma organizada e científica, constituindo um processo metodológico que equilibra criatividade e rigor técnico. A Figura 8, adaptada de Peón (2001), ilustra esse fluxo de desenvolvimento e reforça a natureza interativa do processo, permitindo revisões a cada etapa, garantindo que todas as dimensões relevantes

sejam consideradas no desenvolvimento do produto e que as soluções finais sejam resultado de uma investigação aprofundada, não de decisões precipitadas.

Figura 8 - Fluxo de desenvolvimento



Fonte: Adaptado de Peón (2001).

A problematização constitui a primeira etapa do processo, focando na compreensão aprofundada do contexto, necessidades e objetivos do projeto. Peón (2001) descreve esta fase como fundamental para "entender a situação do projeto, colhendo dados que serão utilizados posteriormente para o desenvolvimento de uma solução" (Peón, 2001, p. 52). Nesta fase, realizam-se pesquisas de campo, entrevistas com partes interessadas e análise de materiais existentes, visando compreender o perfil do público-alvo, o contexto cultural e os objetivos específicos do projeto. Para o Festival Black Era Fortal, foram incorporadas entrevistas semiestruturadas com os organizadores e idealizadores do festival, visando compreender profundamente os valores, objetivos e visão cultural do evento. Segundo Manzini (1990/1991), a entrevista semiestruturada caracteriza-se por estar focada em um assunto sobre o qual se confecciona um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Esta abordagem qualitativa permite capturar nuances culturais que não emergiriam através de metodologias mais genéricas, oferecendo flexibilidade para explorar aspectos específicos que surgem durante a conversa.

A concepção representa a etapa criativa do processo, na qual são produzidas diversas alternativas visuais através de brainstormings, moodboards e experimentações gráficas que reúnem referências coletadas durante a problematização. Conforme explica Peón (2001), esta fase envolve a geração sistemática de alternativas, seguida pela definição do partido visual, considerando

critérios como coerência conceitual, relevância cultural e aplicabilidade prática. Esta etapa exige um equilíbrio cuidadoso entre experimentação criativa e fundamentação teórica, garantindo que as soluções propostas atendam tanto aos requisitos funcionais quanto às demandas expressivas do projeto. A validação das propostas inclui pesquisas de percepção com o público-alvo, garantindo alinhamento entre as soluções desenvolvidas e as expectativas dos usuários, processo que contribui para a legitimidade e aceitação do sistema desenvolvido.

A especificação constitui a etapa final do processo, focando na sistematização e documentação das soluções desenvolvidas. Nesta fase, elabora-se o manual de identidade visual que padroniza diretrizes de uso do logotipo, tipografia, cores e aplicações em diversos suportes, incluindo exemplos de aplicação adequada e inadequada. A especificação garante que o sistema desenvolvido possa ser implementado de forma consistente e eficaz em diferentes contextos e aplicações, constituindo um documento técnico que preserva a integridade conceitual da identidade visual ao longo do tempo e em diferentes situações de uso.

4 PROBLEMATIZAÇÃO

A fase de problematização constitui etapa fundamental do processo de desenvolvimento do sistema de identidade visual para o Festival Black Era Fortal, seguindo a metodologia proposta por Peón (2001). Esta etapa concentra-se na compreensão sistemática do contexto, necessidades e objetivos do projeto, estabelecendo as bases conceituais e práticas que orientarão as fases subsequentes de concepção e especificação.

O processo de problematização envolveu coleta sistemática de informações através de entrevista estruturada com o organizador do festival, análise do contexto cultural cearense, identificação do público-alvo e estudo comparativo de festivais similares. Esta abordagem multidisciplinar permitiu construir compreensão abrangente dos desafios e oportunidades relacionados ao desenvolvimento da identidade visual.

4.1 Caracterização do Festival e Contexto Cultural

O *briefing* do projeto foi desenvolvido através de entrevista semiestruturada realizada com Flávio Fonseca, organizador e idealizador do Festival Black Era Fortal, em 28 de janeiro de 2025. Esta entrevista teve como objetivo compreender os valores, objetivos e visão cultural do evento, estabelecendo as diretrizes fundamentais para o desenvolvimento da identidade visual.

Durante a entrevista, o organizador destacou que o Festival Black Era Fortal busca valorizar a música preta através da criação de espaços destinados à atuação de artistas independentes, promovendo formação, discussão e debate sobre a cultura negra. A proposta do festival visa desconstruir estereótipos historicamente associados à identidade negra no Ceará, articulando tradição e inovação para promover expressão cultural autêntica e contemporânea.

Esta perspectiva alinha-se com os estudos de Hall (2003) sobre identidade cultural na diáspora africana. O autor argumenta que as identidades culturais contemporâneas, particularmente aquelas formadas em contextos diaspóricos, não podem ser compreendidas como entidades estáticas ou essencialistas. Para Hall, a experiência diaspórica é fundamentalmente caracterizada pelo hibridismo e pela constante negociação entre diferentes referenciais culturais.

Neste sentido, Hall (2003, p. 88) observa que:

[...]as identidades culturais não são fixas, mas estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; entre diferentes tradições culturais ao mesmo tempo (Hall, 2003, p. 88).

Esta compreensão é particularmente relevante para o Festival Black Era Fortal, que busca articular a herança africana com as especificidades da cultura negra cearense contemporânea, sem recair em essencialismos ou representações cristalizadas.

O conceito de identidade cultural proposto por Hall reconhece que as comunidades diaspóricas desenvolvem formas culturais híbridas que não são meras reproduções das culturas de origem, nem simples assimilações à cultura dominante. São, antes, criações originais que emergem do encontro, por vezes conflituoso, entre diferentes tradições. Esta perspectiva teórica fundamenta a proposta do festival de "desconstruir estereótipos historicamente associados à identidade negra no Ceará", como mencionado pelo organizador, permitindo a emergência de representações mais complexas e autênticas da negritude local.

O organizador também enfatizou a importância da produção autoral e da colaboração intensa entre artistas, com a poesia lírica assumindo papel diferencial na construção de narrativa estética e comunicativa que reflete a pluralidade e profundidade da proposta cultural. A perspectiva de expansão contínua do festival, evidenciada pela realização de edições menores ao longo do ano, ações formativas e parcerias estratégicas com artistas de âmbito nacional, ressalta a importância de desenvolver um sistema de identidade visual consistente.

O Festival Black Era Fortal caracteriza-se como evento cultural dedicado à celebração e valorização da música e cultura negra em Fortaleza, posicionando-se como plataforma de visibilidade para artistas independentes e espaço de reflexão sobre questões raciais e culturais contemporâneas. O festival distingue-se por sua abordagem multidisciplinar, integrando música, debates, formação e ações educativas em proposta cultural abrangente e politicamente engajada.

A identidade cultural do festival fundamenta-se na valorização da ancestralidade africana e afro-brasileira, promovendo diálogo entre tradição e contemporaneidade através de linguagens artísticas diversas. Esta abordagem busca desconstruir estereótipos e promover representações autênticas da cultura

negra, contribuindo para a ampliação do debate sobre diversidade e inclusão no cenário cultural cearense.

Segundo Munanga (2009), a valorização da cultura negra brasileira requer compreensão da complexidade das identidades afro-diaspóricas, que articulam elementos africanos, indígenas e europeus em sínteses culturais específicas. O autor argumenta que "a cultura negra brasileira não é uma cultura africana cristalizada, mas uma síntese dinâmica que se transformou ao longo dos séculos" (Munanga, 2009, p. 12).

O festival caracteriza-se também por sua dimensão formativa, oferecendo oficinas, palestras e debates que complementam a programação musical e ampliam o impacto educativo do evento. A primeira edição realizou-se em 5 de março de 2022, seguida por uma pausa de dois anos até a segunda edição em novembro de 2024, quando o festival foi realizado na Estação das Artes e obteve apoio governamental através do edital Ceará das Artes.

O público-alvo do Festival Black Era Fortal foi definido através da entrevista com o organizador como sendo prioritariamente jovens negros e periféricos, refletindo o compromisso do evento com a representatividade e inclusão social. Esta definição estratégica posiciona o festival como espaço de acolhimento e celebração de identidades historicamente marginalizadas.

Complementarmente, o festival busca atingir pessoas interessadas na música autoral de Fortaleza, reconhecendo que a cidade apresenta barreiras significativas para artistas independentes. A estratégia de comunicação do festival reflete esta segmentação, utilizando principalmente canais digitais como Instagram.

O perfil do público caracteriza-se pelo interesse em música autoral e expressões culturais que dialoguem com questões raciais e sociais contemporâneas. Este público valoriza autenticidade, colaboração artística e propostas que questionem estruturas hegemônicas, alinhando-se com os valores e objetivos do festival.

4.2 Estudo de Similares

O estudo de similares constitui etapa fundamental na metodologia de desenvolvimento de sistemas de identidade visual proposta por Peón (2001). Esta análise permite identificar oportunidades de diferenciação e territórios visuais disponíveis para o desenvolvimento de uma proposta distintiva.

Wheeler (2013, p. 78) complementa essa perspectiva ao afirmar que a análise competitiva "ajuda a identificar territórios visuais já ocupados e orienta a criação de uma identidade distintiva que se destaque no ambiente competitivo." No contexto do Festival Black Era Fortal, foram selecionados três casos que permitem análise comparativa abrangente: Festival Mada (Natal-RN), Afropunk Brasil (Salvador-BA) e Festival Zepelim (Fortaleza-CE).

4.2.1 Festival Mada (Natal-RN): Tradição e Nostalgia

O Festival Música Alimento da Alma (Figura 9), estabelecido em 1998, posiciona-se como um evento de tradição na música brasileira. O conceito "Música Alimento da Alma" revela uma abordagem que transcende o entretenimento, posicionando a música como elemento nutritivo essencial à experiência humana. A comunicação institucional enfatiza o papel do festival em "fazer história na cena musical brasileira", construindo uma narrativa de legitimidade baseada na tradição e na descoberta de talentos.

Figura 9 – Anúncio da identidade visual do Festival Mada 2025



Fonte: [instagram.com/festivalmada](https://www.instagram.com/festivalmada) (2025).

A identidade visual privilegia elementos de continuidade e institucionalidade, com logotipo que preserva a grafia completa "Música Alimento da Alma – MADA", mantendo a conexão literal com o conceito central. A paleta cromática e elementos gráficos observados nos materiais oficiais remetem à nostalgia urbana, demonstrando alinhamento entre discurso e manifestação visual.

4.2.2 Afropunk Brasil: Movimento e Resistência

O Afropunk (Figura 10) transcende a dimensão de festival para estabelecer-se como movimento cultural global dedicado à "celebração da cultura negra e diversidade através de música, arte e comunidade". A tríade conceitual "movimento, resistência, celebração pura" estrutura a comunicação do evento, estabelecendo uma hierarquia de significados onde o festival funciona como manifestação de uma filosofia mais ampla.

Figura 10 – Atrações do Afropunk Brasil - Salvador 2025



Fonte: [instagram.com/oafropunkbrasil](https://www.instagram.com/oafropunkbrasil) (2025).

O conceito de "Quilombo AFROPUNK Bahia" define-se como "o lugar onde os negros se expressam no ritmo da diáspora em um ato radical de amor próprio: formando o 'círculo negro'." A metáfora do círculo sugere igualdade, continuidade e inclusão, contrastando com hierarquias tradicionais de eventos musicais. O Afropunk Brasil inverte hierarquias convencionais ao afirmar que "as grandes estrelas estão na plateia, lançando seu brilho de beleza aos quatro cantos do globo."

4.2.3 Festival Zepelim (Fortaleza-CE): Arte e Experiência

Criado em 2022, o Festival Zepelim (Figura 11) fundamenta-se no conceito "Sonhe, sinta e seja", estabelecendo uma proposta que articula múltiplas linguagens artísticas através de "programação cultural com mais de 14 atrações musicais" integradas a experiências expandidas. A proposta central manifesta-se através de

"intervenções de outras formas de expressões artísticas além da música, como pintura, artes plásticas e expressões digitais."

Figura 11 – Atrações do Festival Zepelim 2024



Fonte: [instagram.com/festivalzepelim](https://www.instagram.com/festivalzepelim) (2025).

O festival adota estratégia de intensidade concentrada, oferecendo "mais de 18h de experiência" em formato de dia único. Esta escolha temporal contrasta com a abordagem tradicional de festivais de múltiplos dias, sugerindo uma filosofia de imersão intensiva. O festival destaca-se por sua abordagem inovadora na identidade visual, renovando elementos gráficos periodicamente através de parcerias com artistas visuais.

4.2.4 Análise Comparativa dos Sistemas de Identidade

A análise dos materiais oficiais dos três festivais revela estratégias tipográficas distintas que refletem seus posicionamentos conceituais. O Festival

Mada utiliza abordagem institucional que privilegia legibilidade e permanência, mantendo grafia completa que explicita seu conceito central. O Afropunk desenvolve linguagem visual que articula elementos de resistência cultural com celebração identitária. O Festival Zepelim adota estratégia colaborativa que renova elementos gráficos periodicamente através de parcerias com artistas visuais.

A análise revela três territórios conceituais distintos ocupados pelos similares estudados. O Festival Mada estabelece-se no território da tradição nostálgica, utilizando longevidade e descoberta de talentos como diferenciais competitivos. O Afropunk ocupa o território do ativismo cultural diaspórico, articulando entretenimento com resistência e afirmação identitária. O Festival Zepelim posiciona-se no território da convergência artística multidisciplinar, integrando diferentes linguagens criativas em experiências expandidas.

Esta distribuição territorial revela uma oportunidade estratégica específica para o Festival Black Era Fortal. Existe um território conceitual disponível na interseção entre música negra contemporânea e cultura afro-cearense local, distinguindo-se das abordagens nostálgica geral (Mada), diaspórica global (Afropunk) e multidisciplinar ampla (Zepelim).

4.2.5 Matriz Comparativa

Para sistematizar as informações coletadas e facilitar a análise estratégica, elaborou-se uma matriz comparativa que sintetiza os principais aspectos dos festivais estudados:

Quadro 1 – Matriz Comparativa

Dimensão	Festival Mada	Afropunk Brasil	Festival Zepelim
Conceito Central	Música alimento da alma	Movimento/Resistência/Celebração	Sonhe, sinta e seja
Território Estratégico	Tradição nostálgica	Ativismo cultural diaspórico	Convergência artística multidisciplinar
Abordagem Temporal	Longevidade (26 anos)	Movimento global contínuo	Intensidade concentrada (18h)
Estratégia Visual	Institucional/Permanente	Diversidade/Representatividade	Colaborativa/Adaptativa
Diferencial Competitivo	História e descoberta de talentos	Resistência e pertencimento	Integração de linguagens artísticas
Público-Alvo	Diversos perfis musicais	Comunidade negra global	Jovens urbanos multiculturais
Comunicação	Tradicional com digital	Ativismo com celebração	Afetiva e colaborativa
Identidade Visual	Estática e institucional	Dinâmica e representativa	Renovável e autoral

Fonte: Produzido pelo autor.

Esta matriz revela os territórios conceituais ocupados por cada festival e confirma a existência de uma oportunidade estratégica específica para o Festival Black Era Fortal, que pode posicionar-se na interseção entre a música negra contemporânea e a cultura afro-cearense local.

Para complementar a análise dos festivais contemporâneos e enriquecer a pesquisa visual, foram utilizadas referências de festivais históricos, como o Harlem Music Festival, e capas de álbuns de selos de música negra. Essas referências serviram de base para a produção de moodboards, que podem ser visualizados nas Figuras 12 (Moodboards de festivais) e 13 (Moodboards de capas de disco).

Figura 12 – Moodboards de festivais



Fonte: produzido pelo autor.

Figura 13 – Moodboards de capas de disco



Fonte: produzido pelo autor.

Esta diversidade de abordagens demonstra a importância de desenvolver uma identidade visual específica para o Festival Black Era Fortal que dialogue com suas características particulares, evitando sobreposições com territórios visuais já ocupados e estabelecendo uma proposta distintiva no cenário cultural cearense.

4.3 Conceitos e Direcionamentos

A síntese das informações coletadas durante a fase de problematização permitiu a definição de conceitos centrais e direcionamentos estratégicos que orientaram o desenvolvimento do sistema de identidade visual para o Festival Black Era Fortal. O conceito de autenticidade emergiu como elemento central do projeto, fundamentado na necessidade de representar especificidades da cultura negra cearense contemporânea.

A forte colaboração entre artistas identificada no *briefing* traduziu-se em conceito visual que privilegia elementos de conexão e intercâmbio. Este direcionamento orienta soluções que comuniquem a natureza colaborativa do festival, evitando hierarquias visuais rígidas em favor de sistemas que reflitam a horizontalidade das relações artísticas promovidas pelo evento.

O posicionamento do festival como ato político de resistência cultural orientou a adoção de linguagem visual que dialoga com manifestações de arte urbana e expressões gráficas de contestação. Este conceito fundamenta a escolha por estética que se distancie de padrões corporativos convencionais, priorizando autenticidade expressiva sobre conformidade institucional.

A definição da cultura urbana como universo referencial orientou a incorporação de elementos visuais presentes em grafites, decalques, stickers e outras manifestações gráficas do ambiente urbano. A definição de paleta cromática baseada na tríade vermelho-verde-amarelo responde tanto a questões simbólicas quanto funcionais, estabelecendo conexão com a identidade racial do festival e as cores tradicionais do reggae.

5 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO

O desenvolvimento do sistema de identidade visual para o Festival Black Era Fortal baseou-se em um processo criativo que demonstra como os conceitos estabelecidos na etapa de problematização foram traduzidos em soluções visuais concretas. Esse processo caracterizou-se pela alternância entre momentos de experimentação ampla e períodos de síntese e refinamento crítico, garantindo que as soluções finais fossem resultado de uma investigação aprofundada e teoricamente fundamentada.

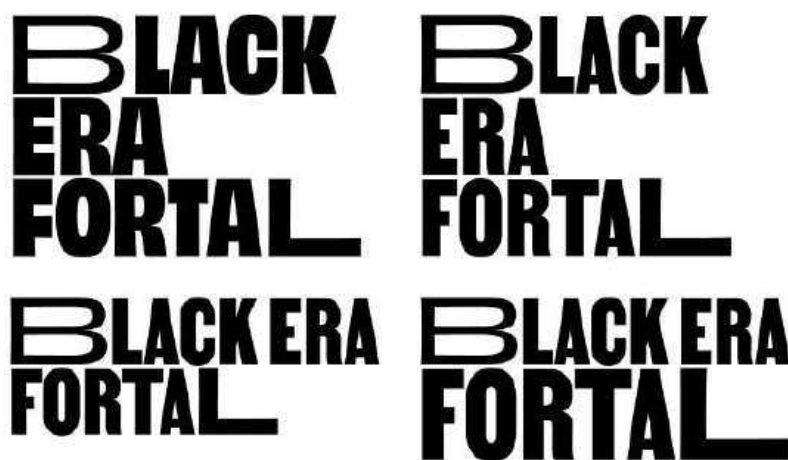
5.1 Processo de Experimentação

O desenvolvimento seguiu quatro fases distintas de experimentação, cada uma respondendo aos desafios identificados na fase anterior e aprofundando a compreensão dos requisitos específicos do projeto.

5.1.1 Primeira Fase: *Exploração Tipográfica Inicial*

Esta primeira etapa (Figura 14) concentrou-se na exploração tipográfica para o logotipo do Festival Black Era Fortal, seguindo os princípios metodológicos estabelecidos por Peón (2001). A experimentação inicial fundamentou-se no princípio de que as soluções finais devem resultar de uma investigação aprofundada, não de decisões precipitadas.

Figura 14 – Testes tipográficos



Fonte: produzido pelo autor.

A escolha da fonte Martin, desenvolvida pela Vocal Type Foundry, baseou-se em critérios conceituais que transcendem questões meramente estéticas. A experimentação com a fonte Obviously nas letras inicial e final do logotipo representou uma tentativa de criar hierarquia visual e diferenciação tipográfica. A organização do logotipo em três linhas distintas distribuiu os termos "BLACK", "ERA" e "FORTAL" de forma equilibrada, demonstrando uma hierarquização sistemática da informação.

A avaliação dos resultados desta primeira exploração revelou limitações significativas, particularmente relacionadas à falta de personalidade visual distintiva nas combinações testadas. Esta identificação de limitações direcionou as experimentações subsequentes para territórios mais experimentais.

5.1.2 Segunda Fase: Experimentação com Abordagens Alternativas

A segunda fase (Figura 15) caracterizou-se pela busca de soluções que incorporassem princípios de design experimental, mantendo as fontes Martin e Obviously como base tipográfica, mas introduzindo modificações estruturais que buscavam romper com a previsibilidade visual observada na fase anterior.

Figura 15 – Experimentações com modificações tipográficas



Fonte: produzido pelo autor.

As experimentações realizadas incluíram inversões de caracteres e alterações na estrutura original das fontes. A diferenciação tipográfica aplicada ao termo "ERA", utilizando fonte e peso distintos, estabeleceu uma hierarquia visual que contribuiu para a criação de ritmo e dinamismo na composição. A exploração de uma versão reduzida utilizando apenas as três letras "BLK" (abreviando a palavra "Black") representou uma descoberta importante em termos de aplicabilidade prática.

A avaliação desta segunda fase revelou que, embora as intervenções experimentais tenham ampliado o repertório visual do projeto, os resultados ainda não atendiam completamente aos objetivos estabelecidos. A persistência da percepção de falta de personalidade visual adequada indicou que as estratégias aplicadas não foram suficientes para capturar a essência cultural específica do festival.

5.1.3 Terceira Fase: Exploração Conceitual e Referências Urbanas

A terceira fase (Figura 16) caracterizou-se pela exploração de um conceito específico para o termo "ERA", tratado como elemento visual dinâmico que refletisse

o significado temporal da palavra. Esta fase incluiu experimentações com tipografias inspiradas no grafite e na cultura visual urbana, buscando estabelecer conexões visuais autênticas com manifestações culturais. Diferentemente das fases anteriores, que funcionaram mais como rascunhos exploratórios, esta etapa foi desenvolvida com maior profundidade e detalhamento conceitual.

Figura 16 – Explorações conceituais com referências à cultura urbana



Fonte: produzido pelo autor.

A avaliação desta fase revelou limitações significativas que comprometiam a eficácia da proposta desenvolvida. A primeira limitação identificou-se com a falta de capacidade de gerar identificação emocional, aspecto fundamental para o funcionamento de qualquer sistema de identidade visual eficaz. A percepção de que a solução apresentava características temporalmente datadas revelou uma limitação importante relacionada às referências visuais utilizadas.

A análise também identificou problemas relacionados à hierarquia visual e à ordem de leitura. A estrutura compositiva desenvolvida apresentava ambiguidades que poderiam resultar em leituras alternativas, comprometendo a clareza da comunicação.

5.1.4 Quarta Fase: Solução Final e Síntese

A quarta fase (Figura 17) representa a síntese das experimentações anteriores através de uma solução que incorpora os elementos funcionais identificados nas etapas precedentes, mas com uma abordagem conceitual renovada. Esta fase caracterizou-se pela atualização das referências visuais, direcionando-se para movimentos underground contemporâneos em festivais, música e cultura urbana.

Figura 17 – Variantes do logotipo



Fonte: produzido pelo autor.

A implementação do itálico em toda a composição tipográfica constitui uma estratégia visual que busca transmitir dinamismo e movimento, conceitos centrais para a representação do festival como ambiente urbano em constante transformação. O conceito de movimento aplicado ao termo “ERA” evoluiu da abordagem anterior de mutabilidade para uma representação mais fluida e contínua. Esta evolução abrange não apenas a representação visual da marca, mas também o conceito subjacente, que busca representar a constante mudança através de uma identidade versátil e adaptável às necessidades de cada aplicação.

A solução final incorpora uma compreensão contemporânea da experiência urbana, buscando representar visualmente as dinâmicas cotidianas que caracterizam a vida de comunidades urbanas em contextos metropolitanos. A escolha por uma estética que enfatiza movimento e dinamismo conecta-se com a realidade urbana caracterizada por estratégias de sobrevivência, criatividade e resistência.

5.2 Sistema Final Desenvolvido

O sistema de identidade visual resultante apresenta uma estrutura integrada que combina elementos expressivos com funcionalidade prática, atendendo às demandas específicas de um festival cultural contemporâneo comprometido com a valorização da cultura afro-brasileira.

5.2.1 Logotipo Principal

A solução final do logotipo utiliza a fonte Aktiv Grotesk como base tipográfica, aplicada em configuração itálica que transmite dinamismo e movimento (Figura 18). A estrutura compositiva organiza os termos "BLACK", "ERA" e "FORTAL" em três linhas distintas, estabelecendo hierarquia visual clara que facilita a leitura e o reconhecimento imediato da marca.

Figura 18 – Logotipo principal



Fonte: produzido pelo autor.

A aplicação consistente do itálico em todos os elementos tipográficos reforça a sensação de movimento e dinamismo, criando coerência visual que unifica a composição e estabelece personalidade distintiva para a marca. O sistema de aplicações do logotipo inclui versões principal, reduzida e horizontal que ampliam as possibilidades de uso sem comprometer a integridade conceitual da marca.

5.2.2 Paleta Cromática

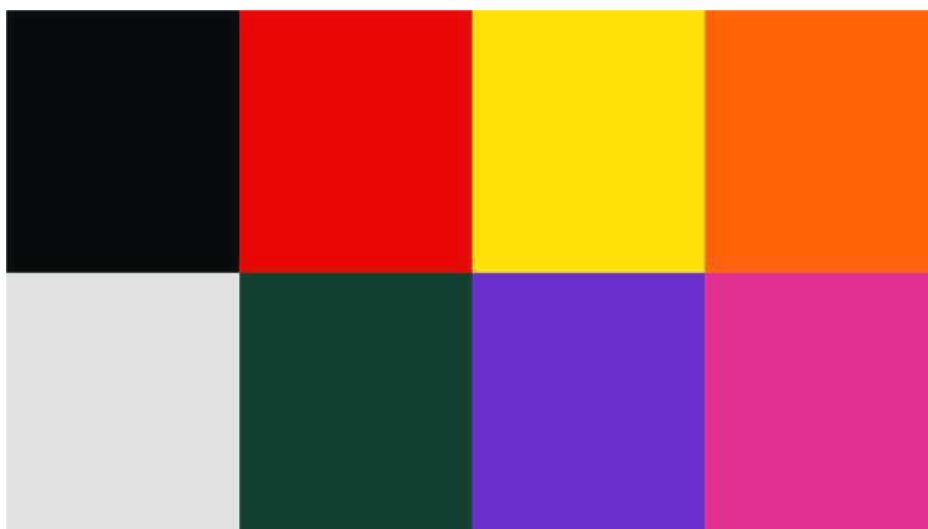
As cores desempenham um papel fundamental na construção da identidade visual, especialmente quando carregam significados culturais e históricos profundos. No contexto da cultura negra, as cores da bandeira pan-africana e as cores do reggae são emblemáticas, representando ideais de liberdade, unidade e resistência.

A Bandeira Pan-Africana, também conhecida como Bandeira da AUPN (Associação Universal para o Progresso Negro), foi formalmente adotada em 13 de agosto de 1920. Suas três faixas horizontais – vermelho, preto e verde – possuem simbolismos específicos que transcendem a mera representação visual. Segundo Santana (2013), as cores da bandeira pan-africana integram um sistema simbólico que articula memória histórica e projeto político de unidade africana. O vermelho representa o sangue derramado pelos ancestrais africanos na luta pela libertação; o preto simboliza o povo negro como uma nação, afirmando sua existência e

identidade; e o verde representa a abundante riqueza natural do continente africano. Essa bandeira tornou-se um símbolo do nacionalismo africano e do orgulho negro, sendo amplamente utilizada em movimentos por direitos civis e eventos que celebram a cultura negra.

As cores do reggae, por sua vez, estão intrinsecamente ligadas ao movimento Rastafári e compartilham a mesma paleta de cores da bandeira etíope: verde, dourado (ou amarelo) e vermelho. Oliveira (2022) argumenta que o movimento Rastafari estabelece um diálogo direto com o pan-africanismo através de seus símbolos visuais, especialmente as cores que conectam a diáspora africana à terra ancestral. O verde simboliza a terra natal, a natureza exuberante da Etiópia e a esperança; o dourado representa a riqueza da África, a prosperidade e a luz do sol; e o vermelho alude ao sangue derramado pelos mártires na luta pela liberdade e à força da fé Rastafári. Essas cores, portanto, não são apenas estéticas, mas carregam uma profunda carga semântica que remete à ancestralidade, à luta por reconhecimento e à celebração da identidade negra e rastafári.

Figura 19 – Paleta cromática



Fonte: produzido pelo autor.

A paleta apresenta oito cores que incluem as cores tradicionais do pan-africanismo (preto, vermelho, verde) e do reggae (amarelo) complementadas por cores adicionais (laranja, cinza claro, roxo e rosa) que ampliam as possibilidades de aplicação sem comprometer as conexões conceituais fundamentais (Figura 19).

O desenvolvimento da paleta considerou três critérios técnicos fundamentais: contraste, representatividade e versatilidade de aplicação. O critério de contraste garante legibilidade e hierarquia visual em diferentes contextos de aplicação. A representatividade refere-se à capacidade das cores selecionadas de expressar adequadamente os valores culturais e sociais que fundamentam o festival. A versatilidade de aplicação permite que as cores funcionem eficazmente em diferentes contextos e suportes. A incorporação das cores do reggae contribui significativamente para a representatividade e identificação por parte do público, fortalecendo os vínculos culturais e emocionais com o evento.

5.2.3 Sistema Tipográfico Complementar

O sistema tipográfico complementar estabelece uma hierarquia funcional que equilibra expressividade e legibilidade, atendendo às diferentes demandas comunicativas do sistema de identidade visual (Figura 20). A estruturação baseia-se em três categorias funcionais distintas: fontes para títulos e elementos de destaque, fontes para corpo de texto, e fontes complementares para aplicações específicas.

Figura 20 – Sistema tipográfico complementar



Fonte: produzido pelo autor.

A fonte Aktiv Grotesk, utilizada como base para o desenvolvimento do logotipo, mantém sua função no sistema tipográfico complementar como elemento de conexão entre a marca principal e as aplicações secundárias. A fonte Subway Berlin representa o elemento expressivo do sistema, incorporando características visuais que remetem à cultura urbana e ao dinamismo contemporâneo. A fonte Elza

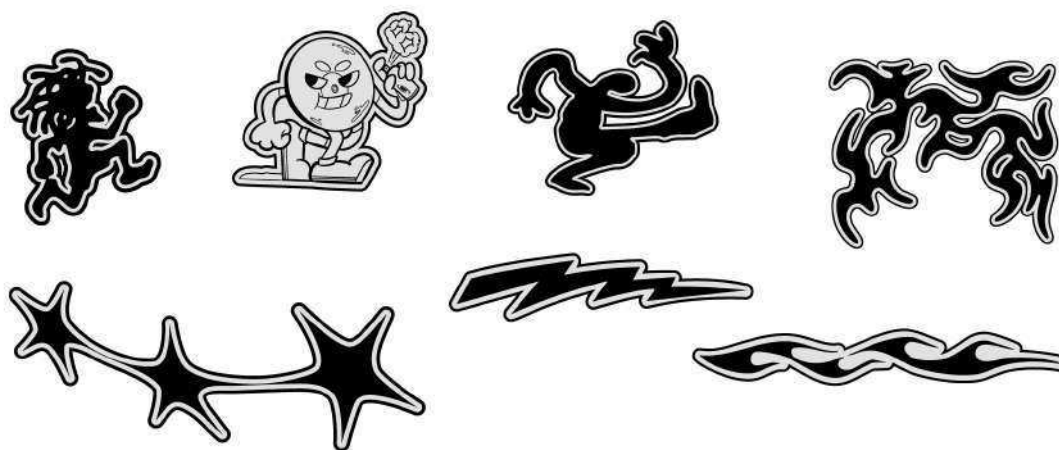
atende às necessidades de legibilidade para textos corridos, garantindo que informações extensas sejam comunicadas de forma clara e acessível.

As fontes complementares incluem ainda outras opções que permitem maior flexibilidade de aplicação sem comprometer a coerência visual do sistema, oferecendo alternativas para diferentes contextos comunicacionais e necessidades específicas de cada aplicação.

5.2.4 Elementos Gráficos Auxiliares

Os elementos gráficos auxiliares desenvolvidos (Figura 21) baseiam-se na incorporação consciente de códigos visuais derivados da cultura urbana, estabelecendo conexões diretas com manifestações como grafites, decalques e outras expressões presentes no imaginário popular das periferias urbanas.

Figura 21 – Elementos gráficos auxiliares



Fonte: produzido pelo autor.

O mascote desenvolvido como disco de vinil estabelece conexões diretas com a cultura musical que fundamenta o festival, particularmente com a tradição do vinil como suporte físico da música negra. A característica distintiva do mascote

como elemento "vazado" na identidade visual estabelece uma diferenciação formal que o distingue dos demais componentes do sistema.

6 RESULTADOS

O desenvolvimento metodológico aplicado ao Festival Black Era Fortal resultou em um sistema de identidade visual completo que articula autenticidade cultural, funcionalidade comunicativa e inovação estética fundamentada nos princípios do antidesign. O sistema desenvolvido caracteriza-se pela integração coerente entre logotipo, paleta cromática, tipografia complementar e elementos gráficos auxiliares, criando uma identidade visual que responde adequadamente aos objetivos de representação cultural estabelecidos.

Os resultados apresentados demonstram a viabilidade da aplicação dos princípios do antidesign, conforme teorizados por Branzi (1984) e Margolin (2002), em contextos de comunicação cultural, equilibrando experimentação formal com eficácia comunicativa. Esta abordagem permite que o design funcione não apenas como ferramenta comunicacional, mas como plataforma para questionamento de estruturas sociais excludentes e promoção de narrativas alternativas.

6.1 Sistema de Identidade Visual Integrado

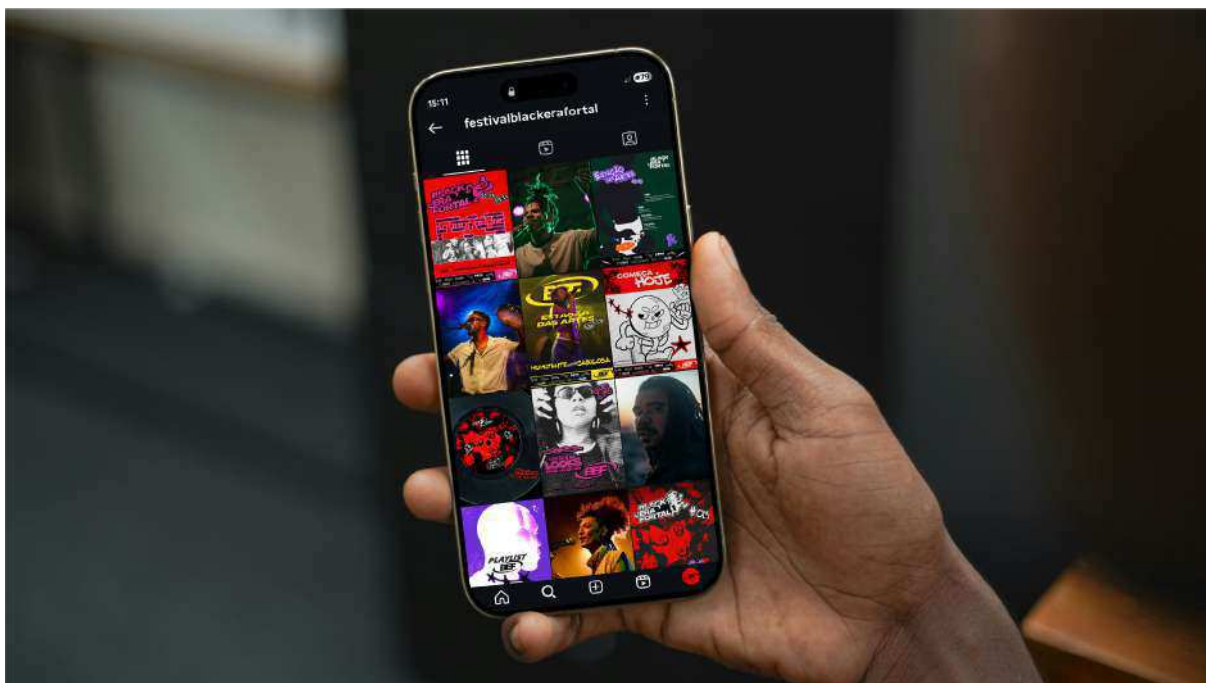
A solução final sintetiza as descobertas realizadas durante as quatro fases de experimentação, incorporando elementos que demonstraram eficácia simultânea em impacto visual e relevância cultural. O sistema desenvolvido articula logotipo principal, paleta cromática, família tipográfica e elementos gráficos auxiliares (Figuras 22 a 26) através de princípios visuais consistentes que asseguram unidade conceitual em diferentes contextos de aplicação.

Figura 22 – Proposta de cartaz para divulgação do Festival Black Era Fortal



Fonte: produzido pelo autor.

Figura 23 – Reformulação do feed do Instagram com a nova identidade visual



Fonte: produzido pelo autor.

A coerência sistêmica manifesta-se na aplicação de códigos visuais derivados da experiência urbana periférica, que permeiam desde a construção tipográfica experimental até a seleção cromática fundamentada na bandeira do pan-africanismo

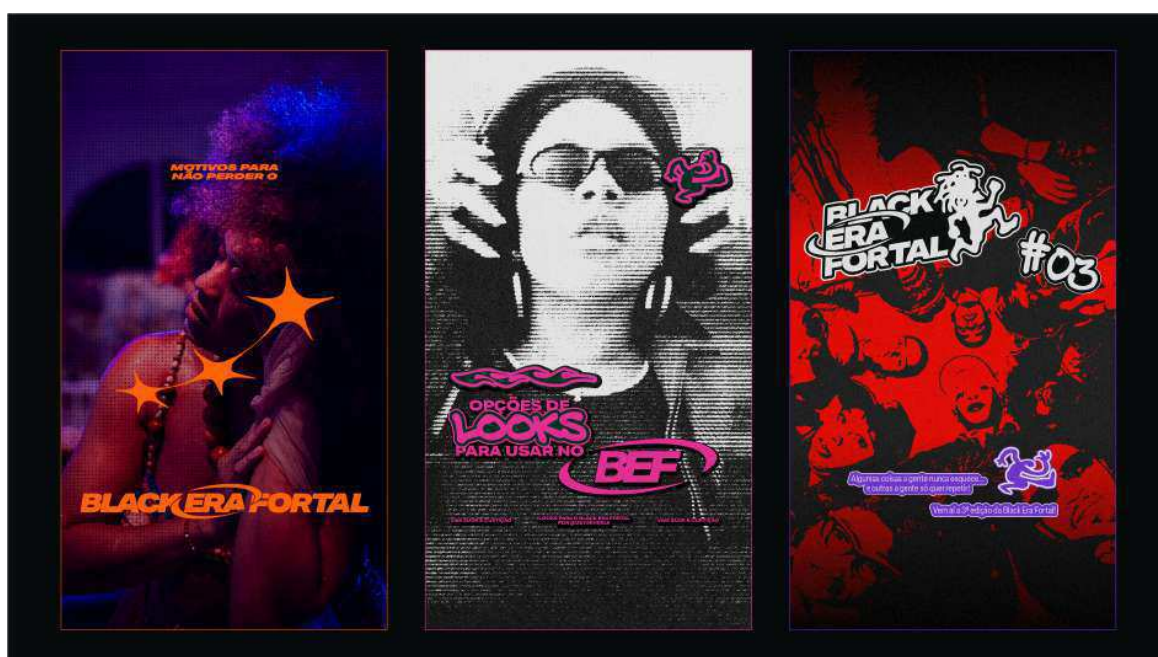
com referências do reggae e da cultura urbana. Esta abordagem garante reconhecimento imediato da identidade visual, independentemente do suporte ou formato de aplicação, estabelecendo conexões autênticas com o universo cultural representado pelo festival.

Figura 24 – Aplicação da identidade visual em camisetas



Fonte: produzido pelo autor.

Figura 25 – Desenvolvimento de conteúdo digital com a identidade visual



Fonte: produzido pelo autor.

Figura 26 – Aplicação da identidade visual em cartaz de atrações do festival



Fonte: produzido pelo autor.

A avaliação da eficácia comunicacional baseou-se nos critérios de legibilidade, memorabilidade e relevância cultural estabelecidos durante a problematização. Os resultados evidenciam que o sistema atende adequadamente a estes requisitos, equilibrando experimentação formal com funcionalidade prática e demonstrando viabilidade para implementação em contextos digitais e impressos. A validação junto aos organizadores Flavio Fonseca e Caio Batista do festival confirmou o alinhamento da proposta com os valores do evento, estabelecendo representação visual da cultura negra contemporânea que evita estereótipos e superficialidades, enquanto a recepção positiva de pessoas vinculadas ao festival indica potencial de identificação por parte do público-alvo.

6.2 Contribuições e impactos

O desenvolvimento deste sistema de identidade visual para o Festival Black Era Fortal alcançou os objetivos específicos estabelecidos, gerando contribuições significativas em múltiplas dimensões.

6.2.1 Objetivos Específicos Alcançados

A investigação sistemática de festivais similares revelou três territórios conceituais distintos que orientaram o posicionamento estratégico do Festival Black Era Fortal. A análise do Festival Mada, Afropunk Brasil e Festival Zepelim evidenciou abordagens baseadas em tradição nostálgica, ativismo cultural diaspórico e convergência artística multidisciplinar, respectivamente. Esta investigação permitiu identificar um território inexplorado na interseção entre música negra contemporânea e cultura afro-cearense local, diferenciando o festival através de abordagem que privilegia a autenticidade local sem abrir mão da conexão diaspórica global.

O exame dos elementos visuais previamente utilizados pelo festival identificou a paleta cromática vermelho-verde-amarelo como asset fundamental a ser preservado, dada sua conexão simbólica com o pan-africanismo e o reggae. A investigação revelou ainda a necessidade de sistematização desses elementos dispersos em linguagem visual coerente, transformando iniciativas isoladas em sistema integrado que mantém a essência original enquanto amplia suas possibilidades comunicacionais.

O desenvolvimento dos elementos fundamentais resultou em sistema visual integrado que compreende logotipo em configuração itálica com fonte Martin, transmitindo movimento e dinamismo urbano, paleta cromática de oito cores fundamentada no simbolismo pan-africano e reggae, sistema tipográfico hierarquizado com Aktiv Grotesk, Subway Berlin e Elza, além de elementos auxiliares incluindo mascote-vinil e grafismos urbanos. Cada elemento foi desenvolvido em resposta direta aos valores culturais identificados durante a pesquisa: resistência, colaboração artística, autenticidade e celebração da negritude contemporânea.

6.2.2 Expectativas de impacto

A implementação do sistema de identidade visual desenvolvido projeta impactos esperados em três dimensões distintas. Na esfera cultural, espera-se o estabelecimento de novo paradigma de representação visual da cultura negra cearense, rompendo com estereótipos através de linguagem contemporânea que

valoriza a produção cultural local sem folclorização. O sistema oferecerá ferramentas visuais capazes de amplificar a voz de artistas independentes e fortalecer a identidade cultural afro-cearense, potencializando o engajamento nas redes sociais, a participação do público-alvo e a repercussão midiática do festival.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho buscou demonstrar a viabilidade de integrar princípios do antidesign em projetos culturais comerciais, expandindo o repertório metodológico disponível para designers que trabalham com identidades culturais marginalizadas. A documentação detalhada do processo criativo, incluindo as quatro fases de experimentação, constitui referência replicável para projetos similares, com potencial para influenciar a aplicação da metodologia em outros contextos culturais e estimular a produção acadêmica derivada.

Na dimensão social, o sistema busca contribuir para a democratização do acesso à cultura ao criar identidade visual que comunica diretamente com jovens negros periféricos, público prioritário do festival. A escolha consciente por referências da cultura urbana popular facilitará identificação e pertencimento, transformando o festival em espaço de afirmação identitária, com expectativa de ampliar a diversidade do público e fortalecer vínculos comunitários através da cultura.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstrou que a criação de sistemas de identidade visual para manifestações culturais afro-brasileiras demanda abordagem metodológica que transcenda aspectos meramente estéticos. A aplicação da metodologia de Peón (2001), enriquecida com princípios do antidesign, permitiu desenvolver uma solução visual que equilibra autenticidade cultural através de códigos visuais derivados da experiência urbana periférica com funcionalidade comunicacional mediante sistema flexível e escalável.

O processo investigativo revelou limitações importantes que proporcionaram aprendizados valiosos sobre o desenvolvimento de projetos culturais. As restrições temporais do projeto impediram o desenvolvimento completo do sistema de poses idealizado para o mascote, elemento que havia sido concebido para demonstrar a versatilidade do sistema em diferentes contextos comunicacionais do festival. Esta experiência evidenciou que o desenvolvimento de soluções visuais complexas demanda tempo substancial para experimentação, refinamento e validação, aspecto fundamental que deve ser considerado em futuros projetos similares. A impossibilidade de concretizar plenamente este sistema ofereceu reflexões importantes sobre a gestão de escopo em projetos de design cultural, demonstrando a importância de estabelecer prioridades claras e cronogramas que acomodem adequadamente a complexidade dos elementos propostos.

Da mesma forma, a conciliação entre os prazos do projeto e a disponibilidade de artistas pretos cearenses para colaborar na criação de variações do logotipo apresentou desafios logísticos significativos. Durante o processo, constatou-se que o cronograma acadêmico nem sempre se alinha com a disponibilidade de profissionais atuantes no mercado cultural, que possuem suas próprias demandas e compromissos profissionais. Esta experiência demonstrou a importância de estabelecer parcerias colaborativas desde as fases iniciais do projeto, permitindo maior flexibilidade temporal para acomodar as agendas de todos os envolvidos. A dificuldade de sincronização temporal revelou aspectos importantes sobre o planejamento de projetos que envolvem colaboração externa, evidenciando a necessidade de considerar os tempos de resposta e disponibilidade de parceiros desde a concepção inicial do cronograma. Além disso, a impossibilidade de realizar testes mais aprofundados com o público-alvo limitou a validação das soluções

desenvolvidas, impedindo uma compreensão mais completa sobre a recepção e eficácia comunicacional do sistema criado.

O processo criativo evidenciou que a experimentação tipográfica e cromática fundamentada, aliada à representação não-estereotipada da negritude, constituiu uma estratégia eficaz para alcançar relevância social sem comprometer a eficácia comunicacional. Os resultados obtidos revelaram que a tensão entre experimentação formal e eficácia comunicacional, longe de constituir limitação, representa força criativa que impulsiona soluções mais ricas e culturalmente relevantes, contribuindo para o desenvolvimento de diretrizes projetuais específicas para identidades visuais de eventos culturais afro-brasileiros.

O Festival Black Era Fortal representa mais que um evento musical: constitui ato político de afirmação cultural e resistência. O sistema de identidade visual desenvolvido busca honrar essa dimensão, oferecendo ferramentas visuais que amplificam vozes historicamente silenciadas e celebram a riqueza da cultura negra cearense contemporânea.

A jornada criativa documentada neste trabalho - das explorações tipográficas iniciais à solução dinâmica final - espelha o próprio movimento de resistência e reinvenção que caracteriza a diáspora africana. Cada iteração do design representou não apenas refinamento técnico, mas aprofundamento na compreensão das complexidades culturais envolvidas.

Que este sistema visual contribua para fortalecer o Festival Black Era Fortal como espaço de encontro, celebração, resistência e revolução, inspirando outros projetos culturais a abraçarem autenticidade e experimentação em suas expressões visuais. E que as limitações identificadas sejam vistas não como falhas, mas como convites para continuidade e evolução colaborativa, honrando o espírito de construção coletiva que define o festival e a própria cultura que ele celebra.

REFERÊNCIAS

BRANZI, Andrea. ***The Hot House: Italian New Wave Design***. London: Thames and Hudson, 1984.

DATAREPORTAL. **Digital 2024: Global Overview Report**. 2024. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-global-overview-report>. Acesso em: 27 dez. 2024.

FRUTIGER, Adrian. **Signs and Symbols: Their Design and Meaning**. New York: Van Nostrand Reinhold, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 23, p. 177-188, maio/ago. 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MARGOLIN, Victor. **The Politics of the Artificial: Essays on Design and Design Studies**. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

MEGGS, Philip B. **História do design gráfico**. 5. ed. São Paulo: Blucher, 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

OLIVEIRA, Leandro Nascimento de. **O diálogo do movimento rastafari com o pan-africanismo e nacionalismo africano e sua importância para a unidade e libertação africana na atualidade**. 2022. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2022.

PAPANEK, Victor. **Design for the Real World: Human Ecology and Social Change**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

PEÓN, Maria Luísa. **Sistema de Identidade Visual**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora 2AB, 2001.

POYNOR, Rick. **No More Rules: Graphic Design and Postmodernism**. London: Laurence King, 2003.

RAND, Paul. **Thoughts on Design**. 1. ed. San Francisco: Chronicle Books, 2014.

SANTANA, J. S. **O branco não tem panela para nos cozer: eco popular dos movimentos pan-africano e nacionalista no sul de Moçambique**. Sankofa, São Paulo, v. 6, n. 11, 2013.

STRUNCK, Gilberto Luiz. **Identidade visual: estratégia e prática no processo de criação**. 1. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2007.

STRUNCK, Gilberto Luiz. **Como criar identidades visuais para marcas de sucesso: um guia sobre o marketing das marcas e como representar graficamente seus valores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2003.

WHEELER, Alina. **Design de identidade da marca: guia essencial para toda a equipe de gestão de marcas**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

APÊNDICE A - PERGUNTAS PARA ENTREVISTA COM FLAVIO FONSECA

1. Origem e Criação do Festival

Como surgiu a ideia do Festival Black Era?

Quem são os criadores e qual o papel de cada um no projeto?

Qual foi o processo de concepção do conceito "Black Era"?

2. Conceito e Propósito

Qual é o principal objetivo do Festival Black Era?

Como vocês definem "música preta" no contexto do festival?

De que forma o festival pretende quebrar estereótipos sobre a cultura preta no Ceará?

Qual a importância de criar um espaço específico para artistas independentes?

3. Características e Diferenciais

O que diferencia o Festival Black Era de outros eventos musicais?

Como a poesia lírica se integra à proposta musical do festival?

De que forma acontece a colaboração entre os artistas participantes?

4. Histórico das Edições

Como foi a primeira edição do festival em março de 2022?

Quais artistas participaram da primeira edição?

Como foi estruturada a cobertura da primeira edição?

Quais foram as principais mudanças da primeira para a segunda edição?

Como foi conseguir o apoio governamental através do Ceará das Artes?

5. Estratégias de Comunicação e Divulgação

Quais são os principais canais de divulgação utilizados pelo festival?

Por que não foi criado um Instagram oficial na primeira edição?

Como avaliam o crescimento das redes sociais do festival?

Qual a importância da mídia tradicional para a divulgação do evento?

6. Atividades Formativas e Educativas

Quais tipos de ações formativas e oficinas são oferecidas no festival?

Como essas atividades se relacionam com os objetivos do festival?

Qual a importância do debate e da discussão sobre cultura preta?

7. Referências e Inspirações

Quais festivais serviram de inspiração para o Black Era?

Como o Festival Cultural do Harlem influenciou o conceito do evento?

Qual a relação com outros festivais brasileiros como Afropunk e Psica?

8. Parcerias e Conexões Locais

Quais são as principais parcerias locais do festival?

Como é a relação com iniciativas como Daleste/Sambaile e Feira Negra?

De que forma o festival se conecta com outras ações culturais da periferia?

9. Planos Futuros e Expansão

Quais são os planos de expansão do Festival Black Era?

Como pretendem implementar mostras menores ao longo do ano?

Quais são as perspectivas de parcerias com artistas nacionais?

Como planejam ampliar os espaços ocupados pelo festival?

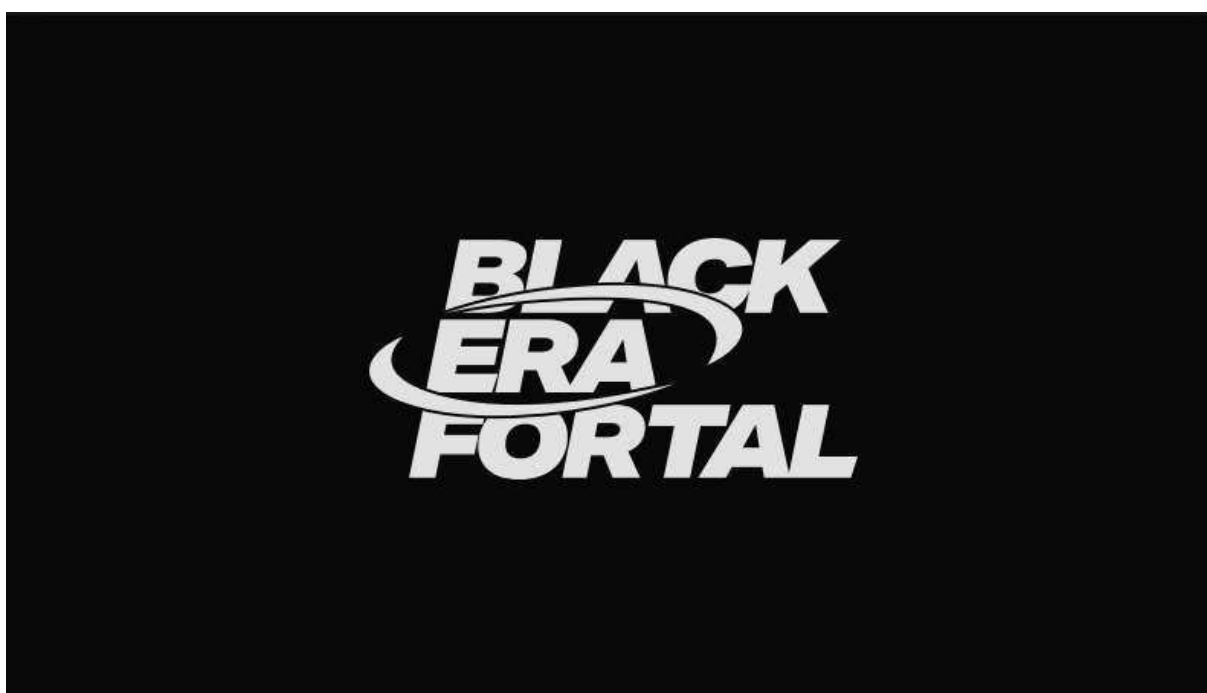
10. Outras Iniciativas

Além do festival, quais outras iniciativas fazem parte do projeto Black Era?

Como essas outras ações se integram à proposta central do festival?

APÊNDICE B - MANUAL DE IDENTIDADE DA MARCA

drive.google.com/file/d/1sLQLIH1yHu0IWunhZbOyrfVSK68-mZiL/view?usp=sharing





ESTE MANUAL FOI DESENVOLVIDO PARA ORIENTAR A APLICAÇÃO CORRETA E CONSISTENTE DA IDENTIDADE VISUAL DO BLACK ERA FORTAL. AQUI, VOCÊ ENCONTRARÁ TODAS AS DIRETRIZES ESSENCIAIS PARA MANTER A COERÊNCIA E FORÇA DA MARCA EM DIFERENTES CONTEXTOS E APLICAÇÕES. NAS PÁGINAS SEGUINTE, VOCÊ TERÁ ACESSO ÀS VERSÕES OFICIAIS DA LOGO, SISTEMA TIPOGRÁFICO, PALETA CROMÁTICA, ELEMENTOS GRÁFICOS COMPLEMENTARES, MARGENS DE SEGURANÇA, ORIENTAÇÕES SOBRE USOS INADEQUADOS E EXEMPLOS PRÁTICOS DE APLICAÇÃO.

**BLACK
ERA
FORTAL**

LOGOTIPO
VERTICAL

BLACK ERA FORTAL - 2025

BLACK ERA FORTAL

LOGOTIPO
HORIZONTAL

BLACK ERA FORTAL . 2025

**BLACK
ERA
FORTAL**

**BLACK
ERA
FORTAL**

LOGOTIPO
POSITIVO / NEGATIVO

BLACK ERA FORTAL . 2025



ASSINATURA

BLACK ERA FORTAL . 2025



LOGOTIPO
VARIações

BLACK ERA FORTAL . 2025

BLACK ERA FORTAL

LOGOTIPO
VARIAÇÕES

BLACK ERA FORTAL . 2025



LOGOTIPO
VARIAÇÕES

BLACK ERA FORTAL . 2025



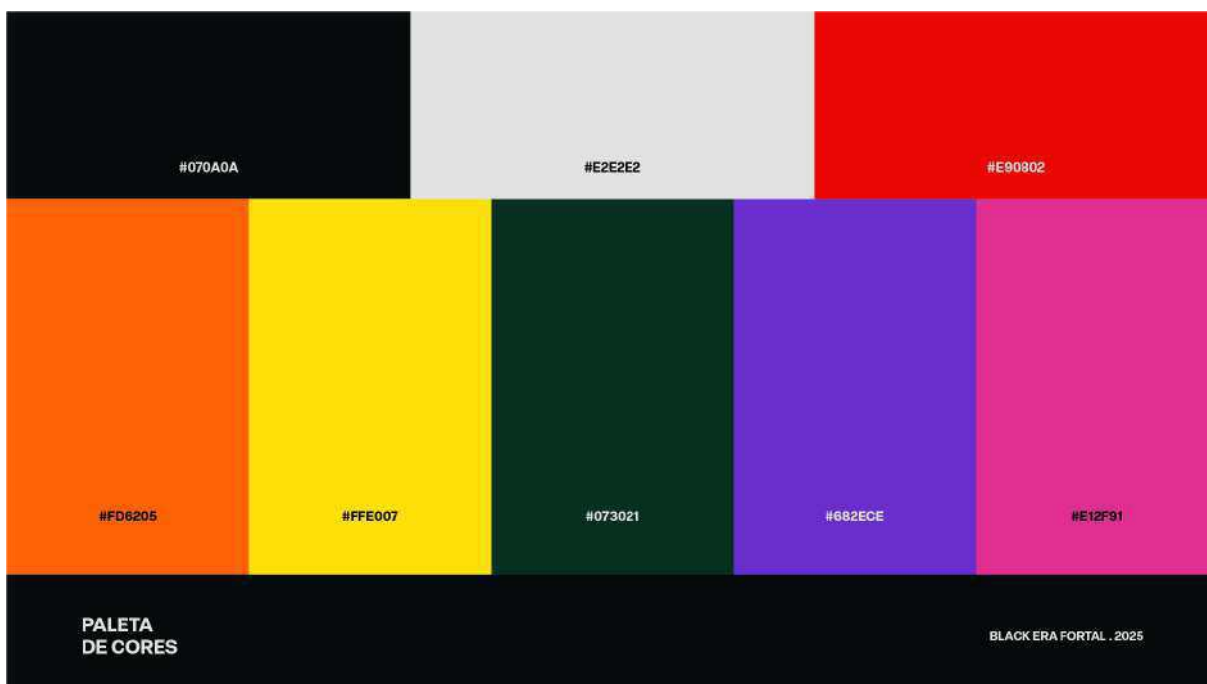
LOGOTIPO
VARIações

BLACK ERA FORTAL . 2025



LOGOTIPO
VARIações

BLACK ERA FORTAL . 2025



ELZA

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
0123456789

TIPOGRAFIA
DE APOIO / TEXTO

ELZA

BLACK ERA FORTAL . 2025

SUBWAY PARIS SC

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
0123456789

TIPOGRAFIA
DE APOIO / SECUNDÁRIA

SUBWAY PARIS SC

BLACK ERA FORTAL . 2025

SUBWAY BERLIN SC

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

0123456789

TIPOGRAFIA
DE APOIO / SECUNDÁRIA

SUBWAY BERLIN SC

BLACK ERA FORTAL . 2025

SLIPSTREAM D

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

0123456789

TIPOGRAFIA
DE APOIO / TERCÍARIA

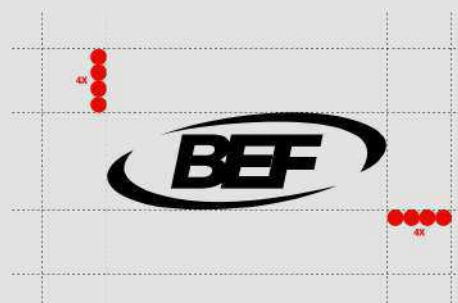
SLIPSTREAM D

BLACK ERA FORTAL . 2025



ELEMENTOS
GRÁFICOS

BLACK ERA FORTÁL . 2025



MARGENS DE
SEGURANÇA

BLACK ERA FORTÁL . 2025

